

1. CHARLES DE FOUCAULD: O IRMÃO CARLOS

Pe. Manoel Godoy

Nascimento e primeiros passos.

Charles de Foucauld, o Ir. Carlos, nasceu em Estrasburgo, no dia 15 de setembro de 1858 e viveu até 1º de dezembro de 1916, quando foi assassinado por um jovem de 15 anos. Beatificação dia 13 de novembro de 2005.

Membro de uma família nobre. Seu pai Francisco Eduardo de Foucauld e sua mãe Isabel Beaudet de Morlet pertenciam a famílias ricas e aristocratas francesas. Muito cedo, porém, ficou órfão de mãe primeiramente e, uns meses depois, também de pai. Desde os seis anos de idade passou a ser criado pelo avô, que se encarregou de educá-lo como militar, partindo de sua própria experiência. Daí nasce-lhe um forte sentimento nacionalista, desenvolvendo um grande amor pela França. Foi criado junto com sua irmã Maria, dois anos mais jovem que ele. Sofreu também influência de sua tia, Inês, e de suas primas, Maria e Catarina. Essas três mulheres, seguindo o ambiente religioso da época, cultivavam grande devoção pelo Sagrado Coração de Jesus, que reaparecerá na conversão e na vida mística de Ir. Carlos.

Na guerra da França contra a Prússia, em 1870, o avô de Carlos, militar já aposentado, com cerca de 70 anos, transferiu a família para a Suíça antes mesmo de ver Estrasburgo render-se em 9 de setembro. Esse acontecimento marcou muito a vida do jovem Carlos, que mais tarde, já vivendo em Nancy, chegou a pensar numa guerra de revanche contra a Alemanha.

Adolescente rebelde e aluno de mestres ateus

Aluno brilhante de mestres iluministas e agnósticos, passará um tempo de sua vida, negando ou duvidando da existência de Deus, uns dois anos depois de ter recebido a Eucaristia e a Crisma. Isso dá um brilho especial ao processo de sua conversão, pois retornará ao Deus de sua infância, depois da adolescência de dúvida e ceticismo; período em que cultivou um humanismo ateu, filosoficamente arquitetado e sociologicamente bem estabelecido. Os estudos que fez, mais tarde, em Paris, no Colégio Santa Genoveva, dirigido pelos jesuítas, não contribuíram para Carlos recobrar a fé cristã. Ficou aí dois anos: no primeiro, aluno brilhante; no segundo, preguiçoso e desleixado. Foi praticamente expulso, pelos padres jesuítas, em 1876. Desde essa data até 1882, Carlos ficou no exército, em Saint-Cyr. Com dezoito anos, foi considerado como adulto por seu avô, que decidiu conferir-lhe uma pensão mensal.

Aborreceu-se com a rígida disciplina da vida militar e, sobretudo, com os fortes treinamentos que, com seu físico não muito avantajado e do alto dos seus 1,63, tomou também horror pelo esporte. Com a morte de seu avô, Carlos tomou posse de uma fortuna, que o desequilibrou bastante, a ponto de ser suspenso do exército por um tempo. Nessa ocasião, adotou como lema da sua vida “*carpe diem*”, ou seja, aproveite cada dia, sem compromisso com o futuro. Por isso, quando pôde voltar ao exército não o fez mais no seu próprio batalhão, mas sim como soldado do 4º Regimento de Caçadores da África. Comparando com sua vida de quartel, descobre que é extremamente melhor a vida no acampamento.

Convertido pela prática religiosa dos muçulmanos.

Depois de oito meses de Argélia, deixou o exército e passou a percorrer o mundo árabe, que tinha despertado nele imensa simpatia. O contato com o deserto, o impacto com a espiritualidade dos muçulmanos, na busca do Absoluto de Deus despertaram nele o sentimento religioso, adormecido por tantos anos. Compôs uma pequena oração que repetia constantemente: “Deus, se existis, fazei com que eu vos conheça”. Aprendeu árabe e hebraico, partiu para uma exploração científica do Marrocos. Disfarçado de judeu, ao lado de outro judeu, empreendeu essa viagem, que durou um ano e lhe valeu uma medalha de ouro da Sociedade de Geografia da França. Depois de algum tempo de aventura e de conhecimento da terra, do povo e de seus costumes, voltou a Argel e se apaixonou por uma jovem protestante, a filha do comandante Titre, convertida ao catolicismo.

Por forte influência de sua família, não levou adiante esse relacionamento, pois a jovem não pertencia à sua classe social.

Busca pelo sentido da vida.

Continuou buscando o sentido de sua vida e assim voltou a Paris, em fins de janeiro de 1886, já com 28 anos. Foi bem acolhido pelos familiares durante quatro anos. Nesse período preparou a publicação de seu livro “Reconhecimento de Marrocos”.

O testemunho de fé e a amizade de sua prima Marie de Bondy muito contribuíram na sua conversão. Quando solicitou à prima que lhe indicasse alguém com quem pudesse discutir o cristianismo, ela o encaminhou ao Pe Huvelin, confessor da igreja de Santo Agostinho, que já o tinha visto passar horas em silêncio dentro do recinto. Ao se aproximar dele pra dialogar recebeu esta ordem: “Ajoelhe-se e confesse os seus pecados”. Em seguida, levou-o diante do altar e deu-lhe a Eucaristia. O encontro com Deus que o perdoa e ao mesmo tempo se entrega na Eucaristia ficará para sempre em sua memória e marcará sua espiritualidade centrada no Mistério Eucarístico. Anos mais tarde, recordando aquele final de outubro de 1886, escreve: “Quando descobri que Deus existia, descobri também que não poderia viver senão só para ele. Minha vocação religiosa nasceu no mesmo instante de minha conversão”.

Pe. Huvelin foi o amigo e conselheiro espiritual que exerceu profunda influência na vida do Ir. Carlos. Causaram nele grande impacto estas palavras proferidas numa homilia: “Jesus escolheu de tal modo o último lugar que ninguém lhe poderá tirar”. A conversão transformou esse homem de alma de fogo que, em tudo, queria ir até o fim. De radical que era em suas próprias iniciativas, tornou-se radical no duplo e único amor e serviço a Deus e às pessoas. Passou por isso a alimentar o desejo de fazer o maior sacrifício possível para oferecer a Deus: abandonar a família que era toda sua felicidade, ir viver e morrer longe dela; assemelhar-se ao máximo à vida de Jesus: ser rejeitado, pobre, viver de trabalho humilde, ser sepultado na simplicidade, viver na obscuridade e no anonimato.

Foi, sem dúvida, uma peregrinação à Terra Santa, aconselhado pelo Pe Huvelin que o aproximou definitivamente do rosto de Jesus de Nazaré, rosto humano de Deus e rosto divino do homem. Sobretudo ficou fascinado pelo tempo em que Jesus aí viveu sem ser notado. Passou sete anos na Trapa, depois quatro anos novamente em Nazaré, como eremita, próximo de um convento de Clarissas. Jesus abandonado é o ícone que o inspira em todos os momentos. Por extremo amor à Eucaristia, sobretudo ao Sagrado Coração de Jesus, influência principalmente de sua prima, aceita ser ordenado sacerdote em 1901, aos 09 de junho, e parte para o Saara, em Beni-Abbès e depois em Tamanrasset, buscando simplesmente ser amigo e irmão dos nômades do deserto. Não busca convertê-los, mas amá-los e gritar para eles o Evangelho com sua própria vida.

Se alguma palavra pode expressar sua mensagem, é “vida em Nazaré” com tudo o que ela contém de realismo histórico, de ensinamento teológico, de ideal místico. É um apelo a viver um amor apaixonado pela pessoa de Jesus, nas situações mais banais da vida dos homens e mulheres, a exemplo do próprio Jesus, que não escapou à servidão das relações humanas, tomando ele mesmo a condição de servo para viver plenamente sua relação única de intimidade com seu Pai, numa família humana, num ofício, num lugarejo insignificante, e pelos caminhos da Palestina. Esse realismo da encarnação, Ir. Carlos o viveu também de maneira excepcional, em relações muito fraternas e cordiais, numa proximidade cada vez maior com as pessoas.

Ir Carlos mostrou-nos que essa espiritualidade de Nazaré pode ser vivida em todas as situações, no celibato ou na vida matrimonial, na vida religiosa ou na vida de família, no sacerdócio ou no laicato, sozinho ou na vida em comum. Ela se expressa numa linguagem de presença a Deus e aos homens e mulheres, de partilha de vida, de amizade, de solidariedade.

Pobre entre os pobres

Vive em meio aos tuaregues (povo nômade, que se desloca entre o centro e o oeste do deserto de Saara e que se destaca pelo profundo sentido da hospitalidade), que o salvam de uma profunda enfermidade. Em 1907, o Hogar foi vítima de uma terrível seca, com 17 meses sem chuva. Ir. Carlos partilhou com seus amigos nômades todas as suas reservas e, finalmente, esgotado,

também adoece. Desta vez, era ele o pobre que, nesse estado de fraqueza e doença, precisava da ajuda daqueles que ele tanto ajudara. Essa foi uma experiência marcante em sua vida, pois foi salvo da morte por aqueles por quem tinha dado sua vida. Aprendeu com os pobres tuaregues a viver como pobre entre eles.

Ir. Carlos fez a experiência de uma vida inteiramente encarnada na vida daqueles que assumiu como irmãos, soube fazer-se próximo deles, aprendendo seus costumes, suas reações e até mesmo sua língua. Compreende que seus paroquianos são muçulmanos e como tais os respeita e os ama.

Funda a “Associação de Irmãos e Irmãs do Sagrado Coração de Jesus para a evangelização dos povos infieis”, mas não vê essa obra progredir. Apesar de seus esforços, não conseguiu mais que 46 membros na França.

Depois de 1910, sobretudo depois da morte de dois de seus amigos, irmãos e inspiradores, Pe. Huvelin e Mons. Guérin, o Irmão Carlos sentirá apertar ainda mais sua solidão. Esteve em 1911 na França, tentando animar sua Associação; volta para Tamanrasset e aí fica até 1913, quando volta à França, para o mesmo objetivo e, já em Tamanrasset, de volta, escreve, em 1914: “Não posso afirmar que desejo a morte; desejei-a em outras ocasiões; agora vejo tanto bem por fazer, tantas almas sem pastor, que gostaria de fazer um pouco de bem e trabalhar um pouco na salvação dessas pobres almas; mas o Bom Deus as ama mais do que eu e não tem necessidade de mim”. Está profundamente doente e assim vai caminhando até o dia em que é assassinado. É morto por um tiro, à queima roupa, em 1916, em plena guerra mundial.

A banalidade e a rapidez de sua morte é como a coroação de uma vida que quisera ser inteiramente escondida em Deus, sem aparecer aos olhos humanos. Para um olhar despojado da fé, com efeito, essa morte parece um fracasso, faz sobressair o insucesso, a ausência de resultado, nem sequer uma vitória da não-violência. Essa morte nos diz que o importante é o que não se vê: “O bom Deus não precisa de mim, que sua vontade se faça”.

É a mensagem da gratuidade que deixa ao mundo este homem de ação, nascido para a eficácia e para o rendimento. Ele quis gritar em silêncio com toda sua vida uma Boa Nova para o mundo. Sua morte está realmente na continuidade de sua vida.

Espiritualidade e mística.

Sua espiritualidade inspira até hoje inúmeros irmãos e irmãs que formam a família espiritual do Ir. Carlos, composta por 11 Congregações Religiosas e 8 associações de Vida Espiritual. Sua profunda paixão por Deus, o Absoluto em sua vida, e pela pessoa humana, imagem de Deus na história, o leva a radicalizar cada vez mais sua entrega. Impossibilitado de anunciar explicitamente a Boa Nova, prega a necessidade e urgência de gritar o Evangelho com a vida. Cultiva a mística do total abandono nas mãos de Deus Pai e percebe a eficiência de uma vida entregue pelos irmãos, mas no anonimato. Embora pressinta a força do último lugar, afirma: “Deus se encarnou, tomou as feições do irmão pobre e assumiu o último lugar que ninguém lh’o pode arrebatá-lo”. O esvaziamento de Jesus, relatado por Paulo aos Filipenses (cf. Fl 2, 6-11), tornou-se sua obsessão: esvaziou-se a si mesmo, assumiu a condição de escravo, humilhou-se, tornando-se obediente até a morte, e morte de Cruz! Desde o último lugar, é preciso gritar o Evangelho com a vida!